

A TRILOGIA DE CINCO EM UM ÚNICO VOLUME

DOUGLAS ADAMS



O GUIA DEFINITIVO DO
MOCHILEIRO
DAS GALÁXIAS

PREFÁCIO

Com uma galeria de personagens bizarros e tantas reviravoltas abruptas na trama que você se sentirá em uma montanha-russa, *O Mochileiro das Galáxias* é, sem dúvida, uma das mais criativas e cômicas séries de aventura já escritas.

Mas o que torna o texto de Douglas Adams tão hipnótico? Além do fato de ser considerado por muitos um dos autores mais perspicazes de nossos tempos, ele também se envolveu profundamente com a literatura e a ciência. A leitura, o humor, os animais selvagens e a tecnologia eram suas grandes paixões, e ele soube reunir esses interesses aparentemente disparatados com toda a concisão e a energia de um supercondutor de partículas atômicas, inundando seus leitores com um dilúvio de hilariantes conceitos abstratos e teorias perversamente avançadas.

Adams nasceu em Cambridge, na Inglaterra, em 1952. Sob a orientação de alguns professores dedicados, desenvolveu um intelecto privilegiado durante seu período na escola. O que lhe faltou em termos de agilidade física, ele compensou com seus neurônios ágeis, impressionando seus mestres e colegas com pensamentos originais, introspecções profundas e um humor avassalador.

De acordo com o que se diz, ele viveu para escrever, mas essa versão se opõe à sua própria confissão de que escrevia “de forma lenta e dolorosa”. Por outro lado, há relatos de sua habilidade invejável de gerar página após página de puro brilhantismo, com um editor desesperado bufando sobre seus ombros. Curiosamente, mesmo após ter obtido sucesso internacional, tornou-se famoso nos círculos literários por fazer qualquer coisa, menos escrever. Sua impressionante falta de autoconfiança muitas vezes chegou a incapacitá-lo a tal ponto que simplesmente não conseguia enfileirar duas palavras.

A trajetória de Adams jamais foi previsível. Em um determinado momento, com suas ocupações literárias temporariamente “em suspenso”, ele foi empregado como “limpador de galinheiros e guarda-costas da família governante do Qatar”. Mas finalmente encontrou seu lugar ao produzir a série de rádio da BBC em que *O Guia do Mochileiro das Galáxias* é baseado.

Embora se declarasse “um ateu radical”, seus livros demonstram um sentido claro de justiça e compaixão. No início achei isso um pouco estranho, mas depois compreendi o que ele queria dizer. A maneira como você se comporta hoje, como explora os talentos e as oportunidades, é uma coisa muito mais importante para um ateu genuíno do que para um religioso. O que você faz nesta vida torna-se incrivelmente importante, já que você só tem essa única possibilidade de fazer a coisa certa, de contribuir de alguma forma para aqueles que você ama ou que seguirão seus passos.

Adams usou sua importância, seu intelecto e sua energia para contribuir de várias formas. Viajou ao redor do mundo para documentar as espécies em risco de extinção para o livro *Last Chance to See* (Última oportunidade para ver) e se tornou patrono dos projetos The Dian Fossey Gorilla Fund e Save the Rhino International. Entre suas muitas ações para apoiar este último, escalou o Kilimanjaro fantasiado de rinoceronte para ajudar a divulgar sua causa.

Sua crítica social afiada é recoberta pelo mais fino humor, tornando-se por vezes áspera e adoravelmente ofensiva. A tecnologia era uma grande paixão de Adams, que provavelmente possuiu e usou mais computadores da Apple do que qualquer outra pessoa, a não ser talvez o próprio Steve Jobs. Ele era um tanto peculiar nesse ponto, achando que a tecnologia poderia ser usada para salvar nosso planeta de quase todos os males, incluindo o tédio e a extinção da espécie.

Douglas Adams era um indivíduo extraordinário, que deixou um enorme vazio nesta dimensão quando morreu de um ataque cardíaco no dia 11 de maio de 2001. Muitas pessoas sentem uma enorme falta dele, mesmo aquelas que, como eu, nunca apertaram sua mão. Em breve você entenderá o porquê.

Esta edição, que reúne os “cinco livros da trilogia” em um só volume, é uma oportunidade de dar um mergulho ainda mais profundo na obra desse autor tão incrivelmente complexo. A genialidade de Douglas Adams e a forma como ele usa situações absurdas para nos fazer rir de nós mesmos certamente encontrarão ecos no amor pela vida e no bom humor que meus amigos brasileiros têm de sobra.

Divirta-se!

BRADLEY TREVOR GREIVE
Autor de *Um dia “daqueles”*

PRÓLOGO

Muito além, nos confins inexplorados da região mais brega da Borda Ocidental desta Galáxia, há um pequeno sol amarelo e esquecido.

Girando em torno deste sol, a uma distância de cerca de 148 milhões de quilômetros, há um planetinha verde-azulado absolutamente insignificante, cujas formas de vida, descendentes de primatas, são tão extraordinariamente primitivas que ainda acham que relógios digitais são uma grande ideia.

Este planeta tem – ou melhor, tinha – o seguinte problema: a maioria de seus habitantes estava quase sempre infeliz. Foram sugeridas muitas soluções para esse problema, mas a maior parte delas dizia respeito basicamente à movimentação de pequenos pedaços de papel colorido com números impressos, o que é curioso, já que em geral não eram os tais pedaços de papel colorido que se sentiam infelizes.

E assim o problema continuava sem solução. Muitas pessoas eram más, e a maioria delas era muito infeliz, mesmo as que tinham relógios digitais.

Um número cada vez maior de pessoas acreditava que havia sido um erro terrível da espécie descer das árvores. Algumas diziam que até mesmo subir nas árvores tinha sido uma péssima ideia, e que ninguém jamais deveria ter saído do mar.

E então, uma quinta-feira, quase dois mil anos depois que um homem foi pregado num pedaço de madeira por ter dito que seria ótimo se as pessoas fossem legais umas com as outras para variar, uma garota, sozinha numa pequena lanchonete em Rickmansworth, de repente compreendeu o que tinha dado errado todo esse tempo e finalmente descobriu como o mundo poderia se tornar um lugar bom e feliz. Desta vez estava tudo certo, ia funcionar, e ninguém teria que ser pregado em coisa nenhuma.

Infelizmente, porém, antes que ela pudesse telefonar para alguém e contar sua descoberta, aconteceu uma catástrofe terrível e idiota, e a ideia perdeu-se para todo o sempre.

Esta não é a história dessa garota.

É a história daquela catástrofe terrível e idiota, e de algumas de suas consequências.

É também a história de um livro chamado O Guia do Mochileiro das Galáxias – um livro que não é da Terra, jamais foi publicado na Terra e, até o dia em que ocorreu a terrível catástrofe, nenhum terráqueo jamais o tinha visto ou sequer ouvido falar dele.

Apesar disso, é um livro realmente extraordinário.

Na verdade, foi provavelmente o mais extraordinário dos livros publicados pelas grandes editoras de Ursa Menor – editoras das quais nenhum terráqueo jamais ouvira falar.

O livro é não apenas uma obra extraordinária como também um tremendo best-seller – mais popular que a Enciclopédia Celestial do Lar, mais vendido que Mais Cinquenta e Três Coisas para se Fazer em Gravidade Zero, e mais polêmico que

a colossal trilogia filosófica de Oolonn Colluphid, Onde Deus Errou, Mais Alguns Grandes Erros de Deus e Quem É Esse Tal de Deus Afinal?

Em muitas das civilizações mais tranquilonas da Borda Oriental da Galáxia, O Guia do Mochileiro das Galáxias já substituiu a grande Enciclopédia Galáctica como repositório-padrão de todo o conhecimento e sabedoria, pois ainda que contenha muitas omissões e textos apócrifos, ou pelo menos terrivelmente incorretos, ele é superior à obra mais antiga e mais prosaica em dois aspectos importantes.

Em primeiro lugar, é ligeiramente mais barato; em segundo lugar, traz na capa, em letras garrafais e amigáveis, a frase NÃO ENTRE EM PÂNICO.

Mas a história daquela quinta-feira terrível e idiota, a história de suas extraordinárias consequências, a história das interligações inextricáveis entre essas consequências e este livro extraordinário – tudo isso teve um começo muito simples.

Começou com uma casa.

CAPÍTULO 1

A casa ficava numa pequena colina bem nos limites de uma vila, isolada. Dela se tinha uma ampla vista das fazendas do oeste da Inglaterra. Não era, de modo algum, uma casa excepcional – tinha cerca de 30 anos, era achatada, quadrada, feita de tijolos, com quatro janelas na frente, cujo tamanho e cujas proporções pareciam ter sido calculados mais ou menos exatamente para desagradar a vista.

A única pessoa para quem a casa tinha algo de especial era Arthur Dent, e assim mesmo só porque ele morava nela. Já morava lá há uns três anos, desde que resolvesse sair de Londres porque a cidade o deixava nervoso e irritado. Ele também tinha cerca de 30 anos; era alto, moreno e quase nunca estava em paz consigo mesmo. O que mais o preocupava era o fato de que as pessoas viviam lhe perguntando por que ele parecia estar tão preocupado. Trabalhava na estação de rádio local, e sempre dizia aos amigos que era um trabalho bem mais interessante do que eles imaginavam. E era, mesmo – a maioria de seus amigos trabalhava em publicidade.

Na noite de quarta-feira tinha caído uma chuva forte, e a estrada estava enlameada e molhada, mas na manhã de quinta um sol intenso e quente brilhou sobre a casa de Arthur Dent pelo que seria a última vez.

Arthur ainda não havia conseguido enfiar na cabeça que o conselho municipal queria derrubá-la e construir um desvio no lugar dela.

Às oito horas da manhã de quinta-feira, Arthur não estava se sentindo muito bem. Acordou com os olhos turvos, levantou-se, andou pelo quarto sem enxergar direito, abriu uma janela, viu um trator, encontrou os chinelos e foi até o banheiro.

Pasta na escova de dentes – assim. Escovar.

Espelho móvel – virado para o teto. Arthur ajustou-o. Por um momento, o espelho refletiu um segundo trator pela janela do banheiro. Arthur reajustou-o, e o espelho passou a refletir o rosto barbado de Arthur Dent. Ele fez a barba, lavou o rosto, enxugou-o e foi até a cozinha em busca de alguma coisa agradável para pôr na boca.

Chaleira, tomada, geladeira, leite, café. Bocejo.

A palavra *trator* vagou por sua mente, procurando algo com o que se associar.

O trator que estava do outro lado da janela da cozinha era dos grandes.

Arthur olhou para ele.

“Amarelo”, pensou, e voltou ao quarto para se vestir. Ao passar pelo banheiro, parou para tomar um copo d’água, e depois outro. Começou a desconfiar que estava de ressaca. Por que a ressaca? Teria bebido na véspera? Imaginava que sim. Olhou de relance para o espelho móvel. “Amarelo”, pensou, e foi para o quarto.

Ficou parado, pensando. “O bar”, pensou. “Ah, meu Deus, o bar.” Tinha uma vaga lembrança de ter ficado irritado com algo que parecia importante. Falara com as pessoas a respeito, e na verdade começava a achar que tinha falado demais: a imagem mais nítida em sua memória era a dos rostos entediados das pessoas ao seu redor. Tinha algo a ver com um desvio a ser construído, e ele acabara de descobrir isso. A obra estava planejada há meses, só que ninguém sabia de nada. Ridículo. Arthur tomou um gole d’água. “A coisa ia se resolver; ninguém queria aquele desvio, o conselho estava completamente sem razão. A coisa ia se resolver”, pensou ele.

Mas que ressaca terrível. Olhou-se no espelho do armário. Pôs a língua para fora. “Amarelo”, pensou. A palavra *amarelo* vagou por sua mente, procurando algo com o que se associar.

Quinze segundos depois, Arthur estava fora da casa, deitado no chão, na frente de um trator grande e amarelo que avançava por cima de seu jardim.

O Sr. L. Prosser era, como dizem, apenas humano. Em outras palavras, era uma forma de vida bípede baseada em carbono e descendente de primatas. Para ser mais específico, ele tinha 40 anos, era gordo e desleixado e trabalhava no conselho municipal. Curiosamente, embora ele desconhecesse este fato, era também descendente direto, pela linhagem masculina, de Gengis Khan, embora a sucessão de gerações e a mestiçagem houvessem misturado de tal modo sua carga genética que ele não possuía nenhuma característica mongol, e os únicos vestígios daquele majestoso ancestral que restavam no Sr. L. Prosser eram uma barriga pronunciada e uma predileção por chapeuzinhos de pele.

Ele não era em absoluto um grande guerreiro: na verdade, era um homem nervoso e preocupado. Naquele dia estava particularmente nervoso e preocupado porque tivera um problema sério com seu trabalho, que consistia em retirar a casa de Arthur Dent do caminho antes do final da tarde.

– Desista, Sr. Dent, o senhor sabe que é uma causa perdida. O senhor não vai conseguir ficar deitado na frente do trator o resto da vida. – Tentou assumir um olhar feroz, mas seus olhos não eram capazes disso.

Deitado na lama, Arthur respondeu:

– Está bem. Vamos ver quem é mais chato.

– Infelizmente, o senhor vai ter que aceitar – disse o Sr. Prosser, rodando seu chapéu de pele no alto da cabeça. – Esse desvio tem que ser construído e vai ser construído!

– Primeira vez que ouço falar nisso. Por que é que tem que ser construído?

O Sr. Prosser sacudiu o dedo para Arthur por algum tempo, depois parou e retirou o dedo.

– Como assim, “por que é que tem que ser construído”? Ora! – exclamou ele. – É um desvio. É necessário construir desvios.

Os desvios são vias que permitem que as pessoas se desloquem bem depressa do ponto A ao ponto B ao mesmo tempo que outras pessoas se deslocam bem depressa do ponto B ao ponto A. As pessoas que moram no ponto C, que fica entre os dois outros, muitas vezes ficam imaginando o que tem de tão interessante no ponto A para que tanta gente do ponto B queira muito ir para lá, e o que tem de tão interessante no ponto B para que tanta gente do ponto A queira muito ir para lá. Ficam pensando como seria bom se as pessoas resolvessem de uma vez por todas onde é que elas querem ficar.

O Sr. Prosser queria ficar no ponto D. Esse ponto não ficava em nenhum lugar específico, era apenas um ponto qualquer bem longe dos pontos A, B e C. O Sr. Prosser teria uma bela casinha de campo no ponto D, com machados pregados em cima da porta, e se divertiria muito no ponto E, o bar mais próximo do ponto D. Sua mulher, naturalmente, queria uma roseira trepadeira, mas ele queria machados. Ele não sabia por quê. Só sabia que gostava de machados. O Sr. Prosser sentiu seu rosto ficar vermelho ante os sorrisos irônicos dos operadores do trator.

Apoiou o peso do corpo numa das pernas, depois na outra, mas sentiu-se igualmente desconfortável com as duas. Era óbvio que alguém havia sido terrivelmente incompetente, e ele pedia a Deus que não fosse ele.

– O senhor teve um longo prazo a seu dispor para fazer quaisquer sugestões ou reclamações, como o senhor sabe – disse o Sr. Prosser.

– Um longo prazo? – falou Arthur. – Longo prazo? Eu só soube dessa história quando chegou um operário na minha casa ontem. Perguntei a ele se tinha vindo para lavar as janelas e ele respondeu que não, vinha para demolir a casa. É claro que não me disse isso logo. Claro que não. Primeiro lavou umas duas janelas e me cobrou cinco pratas. Depois é que me contou.

– Mas, Sr. Dent, o projeto estava à sua disposição na Secretaria de Obras há nove meses.

– Pois é. Assim que eu soube fui lá me informar, ontem à tarde. Vocês não se esforçaram muito para divulgar o projeto, não é verdade? Quer dizer, não chegaram a comunicar às pessoas nem nada.

– Mas o projeto estava em exposição...

– Em exposição? Tive que descer ao porão pra encontrar o projeto.

– É no porão que os projetos ficam em exposição.

– Com uma lanterna.

– Ah, provavelmente estava faltando luz.

– Faltavam as escadas, também.

– Mas, afinal, o senhor encontrou o projeto, não foi?

– Encontrei, sim – disse Arthur. – Estava em exibição no fundo de um arquivo trancado, jogado num banheiro fora de uso, cuja porta tinha a placa: *Cuidado com o leopardo*.

Uma nuvem passou no céu. Projetou uma sombra sobre Arthur Dent, deitado na lama fria, apoiado no cotovelo. Projetou uma sombra sobre a casa de Arthur Dent. O Sr. Prosser olhou-a, de cara feia.

– Não chega a ser uma casa particularmente bonita.

– Perdão, mas por acaso gosto dela.

– O senhor vai gostar do desvio.

– Ah, cale a boca! Cale a boca e vá embora, você e a porcaria do seu desvio. Você sabe muito bem que está completamente sem razão.

A boca do Sr. Prosser abriu-se e fechou-se umas duas vezes, enquanto por uns momentos seu cérebro foi invadido por visões inexplicáveis, porém terrivelmente atraentes: via a casa de Arthur Dent sendo consumida pelas chamas, enquanto o próprio Arthur corria aos gritos do incêndio, com pelo menos três lanças bem compridas enfiadas em suas costas. Visões como essas frequentemente perturbavam o Sr. Prosser e o deixavam nervoso. Gaguejou por uns instantes e depois recuperou a calma.

– Sr. Dent.

– Sim? O que é?

– Gostaria de ressaltar alguns fatos para o senhor. O senhor sabe que danos esse trator sofreria se eu deixasse ele passar por cima do senhor?

– O quê?

– Absolutamente zero – disse o Sr. Prosser, afastando-se rapidamente, nervoso, sem entender por que seu cérebro estava cheio de cavaleiros cabeludos que gritavam com ele.

+++

Por uma curiosa coincidência, “absolutamente zero” era o quanto o descendente dos primatas Arthur Dent suspeitava que um de seus amigos mais íntimos

não descendia dos primatas, sendo, na verdade, de um pequeno planeta perto de Betelgeuse, e não de Guildford, como costumava dizer.

Tal suspeita jamais passara pela cabeça de Arthur Dent.

Esse seu amigo havia chegado ao planeta Terra há uns quinze anos terráqueos e se esforçara ao máximo no sentido de se integrar na sociedade terráquea – com certo sucesso, deve-se reconhecer. Assim, por exemplo, ele passara esses quinze anos fingindo ser um ator desempregado, o que era perfeitamente plausível.

Porém, cometera um erro gritante, por ter sido um pouco displicente em suas pesquisas preparatórias. As informações de que ele dispunha o levaram a escolher o nome “Ford Prefect”, achando que era um nome bem comum, que passaria despercebido.

Não era alto a ponto de chamar atenção, e suas feições eram atraentes, mas não a ponto de chamar atenção. Seus cabelos eram avermelhados e crespos e ele os penteava para trás. Sua pele parecia ter sido puxada a partir do nariz. Havia algo de ligeiramente estranho nele, mas era algo muito sutil, difícil de identificar. Talvez os olhos dele piscassem menos que o normal, de modo que quem ficasse conversando com ele algum tempo acabava com os olhos cheios d’água de aflição. Talvez o sorriso dele fosse um pouco largo demais e desse a sensação desagradável de que estava prestes a morder o pescoço de seu interlocutor.

Para a maioria dos amigos que fizera na Terra ele era um sujeito excêntrico, porém inofensivo: um beberão com alguns hábitos meio estranhos. Por exemplo, ele costumava entrar de penetra em festas na universidade, tomar um porre colossal e depois começava a gozar qualquer astrofísico que encontrasse, até que o expulsassem da festa.

Às vezes ele ficava desligado, olhando distraído para o céu, como se estivesse hipnotizado, até que alguém lhe perguntava o que ele estava fazendo. Então, por um instante, Ford ficava assustado, com um ar culpado, mas logo relaxava e sorria.

– Ah, estou só procurando discos voadores – brincava, e todo mundo ria e lhe perguntava que tipo de discos voadores ele estava procurando. – Dos verdes! – ele respondia com um sorriso irônico, depois ria às gargalhadas por alguns instantes e daí corria até o bar mais próximo e pagava uma enorme rodada de bebidas.

Essas noites normalmente terminavam mal. Ford tomava uísque até ficar totalmente bêbado, se encolhia num canto com uma garota qualquer e dizia a ela, com voz pastosa, que na verdade a cor dos discos voadores não tinha muita importância.

Depois, cambaleando meio torto pelas ruas, de madrugada, com frequência perguntava aos policiais que passavam como se ia para Betelgeuse. Os policiais normalmente diziam algo assim:

– O senhor não acha que é hora de ir pra casa?

– É o que eu estou tentando fazer, meu chapa, estou tentando – era o que Ford sempre respondia nessas ocasiões.

Na verdade, o que ele realmente procurava quando ficava olhando para o céu era qualquer tipo de disco voador. Ele falava em discos voadores verdes porque o verde era a cor tradicional do uniforme dos astronautas mercantes de Betelgeuse.

Ford Prefect já havia perdido as esperanças de que aparecesse um disco voador porque quinze anos é muito tempo para ficar preso em qualquer lugar, principalmente num lugar tão absurdamente chato quanto a Terra.

Ford queria que chegasse logo um disco voador porque sabia fazer sinal para discos voadores descerem e porque queria pegar carona num deles. Ele sabia ver as Maravilhas do Universo por menos de 30 dólares altairianos por dia.

Na verdade, Ford Prefect era pesquisador de campo desse fabuloso livro chamado *O Guia do Mochileiro das Galáxias*.

+++

Os seres humanos se adaptam a tudo com muita facilidade. Assim, quando chegou a hora do almoço, nos arredores da casa de Arthur já havia se estabelecido uma rotina. O papel de Arthur era o de ficar se espojando na lama, pedindo de vez em quando que chamassem seu advogado, sua mãe ou lhe trouxessem um bom livro. O Sr. Prosser ficou com o papel de tentar novas táticas de persuasão com Arthur de vez em quando, usando o papo do Para o Bem de Todos, o da Marcha Inevitável do Progresso, o de Sabe que Uma Vez Derrubaram Minha Casa Também mas Continuei com Minha Vida Normalmente, bem como diversos outros tipos de propostas e ameaças. O papel dos operadores dos tratores, por sua vez, era o de ficar sentado, tomando café e examinando a legislação trabalhista para ver se havia um jeito de ganhar um extra com aquela situação.

A Terra seguia lentamente em sua órbita cotidiana.

O sol estava começando a secar a lama em que Arthur estava deitado.

Uma sombra passou por ele novamente.

– Oi, Arthur – disse a sombra.

Arthur olhou para cima com uma careta, por causa do sol, e surpreendeu-se ao ver Ford Prefect em pé a seu lado.

– Ford! Tudo bem com você?

– Tudo bem – disse Ford. – Escute, você está ocupado?

– Se estou *ocupado*? – exclamou Arthur. – Bem, tenho apenas que ficar deitado na frente desses tratores todos senão eles derrubam minha casa, mas fora isso... bem, nada de especial. Por quê?

Em Betelgeuse não existe sarcasmo, por isso Ford muitas vezes não o percebia, a menos que estivesse prestando muita atenção.

– Ótimo – disse ele. – Onde a gente pode conversar?

– O quê? – exclamou Arthur Dent.

Por alguns segundos, Ford pareceu ignorá-lo, e ficou olhando fixamente para o céu, como um coelho que está querendo ser atropelado por um carro. Então, de repente, acorrou-se ao lado de Arthur.

– Precisamos conversar – disse, num tom de urgência.

– Tudo bem – disse Arthur. – Pode falar.

– E beber. Temos que conversar e beber, é uma questão de vida ou morte.

Agora. Vamos ao bar lá na vila.

Olhou para o céu de novo, nervoso, como se esperasse algo.

– Escuta, será que você não entende? – gritou Arthur, apontando para Prosser.

– Esse homem quer demolir a minha casa!

Ford olhou para o homem, confuso.

– Ele pode fazer isso sem você, não é?

– Mas eu não quero que ele faça isso!

– Ah.

– O que deu em você, Ford?

– Nada. Nada de mais. Escute... eu tenho que lhe dizer a coisa mais importante que você já ouviu. Tenho que lhe dizer isso agora e tem que ser lá no bar Horse and Groom.

– Mas por quê?

– Porque você vai precisar beber algo bem forte.

Ford olhou para Arthur, e este constatou, atônito, que estava começando a se deixar convencer. Não percebeu, é claro, que foi por causa de um velho jogo de botequim que Ford aprendera nos portos hiperespaciais que serviam as regiões de mineração de madranita no sistema estelar de Beta de Órion.

O jogo era vagamente parecido com a queda de braço dos terráqueos e funcionava assim:

Os dois adversários sentavam-se a uma mesa, um de cara para o outro, cada um com um copo à sua frente.

Entre os dois colocava-se uma garrafa de Aguardente Janx (imortalizada naquela velha canção dos mineiros de Órion: “Ah, não me dê mais dessa Aguardente Janx/ Não, não me dê mais um gole de Aguardente Janx/ Senão minha cabeça vai partir, minha língua vai mentir, meus olhos vão ferver e sou capaz de morrer/ Vai, me dá um golinho de Aguardente Janx”).

Então, cada lutador tentava concentrar sua força de vontade sobre a garrafa para incliná-la e verter aguardente no copo do adversário, que então era obrigado a bebê-la.

Depois enchia-se a garrafa de novo, começava uma nova rodada, e assim por diante.

Quem começava perdendo normalmente acabava perdendo, porque um dos efeitos da Aguardente Janx é deprimir o poder telepsíquico.

Assim que se consumia uma quantidade previamente estabelecida, o perdedor era obrigado a pagar uma prenda, que costumava ser obscenamente biológica.

Ford Prefect normalmente jogava para perder.

+++

Ford olhou para Arthur, que estava começando a pensar que talvez quisesse mesmo ir até o Horse and Groom.

– Mas e a minha casa...? – perguntou, em tom de queixa.

Ford olhou para o Sr. Prosser e de repente lhe ocorreu uma ideia maliciosa.

– Ele quer demolir a sua casa?

– É, ele quer construir...

– E não pode porque você está deitado na frente do trator dele?

– É, e...

– Aposto que podemos chegar a um acordo – disse Ford. – Com licença! – gritou ele para o Sr. Prosser.

O Sr. Prosser (que estava discutindo com o porta-voz dos operadores dos tratores se a presença de Arthur Dent constituía ou não um fator de insalubridade mental no local de trabalho e quanto eles deveriam receber neste caso) olhou em volta. Ficou surpreso e ligeiramente alarmado quando viu que Arthur estava acompanhado.

– Sim? Que foi? – perguntou. – O Sr. Dent já voltou ao normal?

– Será que podemos supor, para fins de discussão – perguntou Ford –, que ainda não?

– E daí? – suspirou o Sr. Prosser.

– E podemos também supor – prosseguiu Ford – que ele vai ficar aí o dia inteiro?

– E então?

– Então todos os seus ajudantes vão ficar parados aí sem fazer nada o dia todo?

– Talvez, talvez...

– Bem, se o senhor já se resignou a não fazer nada, o senhor na verdade não precisa que ele fique deitado aqui o tempo todo, não é?

– O quê?

– O senhor, na verdade – repetiu Ford, paciente –, não precisa que ele fique aqui.

O Sr. Prosser pensou um pouco.

– Bem, é, não exatamente... *Precisar*, não preciso, não... – disse Prosser, preocupado, por achar que ele, ou Ford, estava dizendo um absurdo.

– Então o senhor podia perfeitamente fazer de conta que ele ainda está aqui, enquanto eu e ele damos um pulinho no bar, só por meia hora. O que o senhor acha?

O Sr. Prosser achou aquilo perfeitamente insano.

– Acho perfeitamente razoável... – disse, com um tom de voz tranquilizador, sem saber quem ele estava tentando tranquilizar.

– E, se depois o senhor quiser dar uma escapulida pra tomar um chope – disse Ford –, a gente retribui o favor.

– Muito obrigado – disse o Sr. Prosser, que não sabia mais como conduzir a situação –, muito obrigado, é muita bondade sua... – Franziu o cenho, depois sorriu, depois tentou fazer as duas coisas ao mesmo tempo, não conseguiu, agarrou seu chapéu de pele e rodou-o no alto da cabeça nervosamente. Só podia achar que havia ganhado a parada.

– Então – prosseguiu Ford Prefect –, se o senhor tiver a bondade de vir até aqui e se deitar...

– O quê?! – exclamou o Sr. Prosser.

– Ah, desculpe – disse Ford –, acho que não soube me exprimir muito bem. Alguém tem que ficar deitado na frente dos tratores, não é? Senão eles vão demolir a casa do Sr. Dent.

– O quê?! – repetiu o Sr. Prosser.

– É muito simples – disse Ford. – Meu cliente, o Sr. Dent, declara que está disposto a não mais ficar deitado aqui na lama com uma única condição: que o senhor o substitua em seu posto.

– Que história é essa? – disse Arthur, mas Ford cutucou-o com o pé para que se calasse.

– O senhor quer – disse Prosser, tentando captar essa nova ideia – que eu me deite aí...

– É.

– Na lama.

– É, como disse, na lama.

Assim que o Sr. Prosser se deu conta de que na verdade era ele o perdedor, foi como se lhe retirassem um fardo dos ombros: essa situação era mais familiar para ele. Suspirou.

– E em troca disso o senhor vai com o Sr. Dent até o bar?

– Isso – disse Ford –, isso mesmo.

O Sr. Prosser deu uns passos nervosos à frente e parou.

– Promete? – disse ele.

– Prometo – disse Ford. Virou-se para Arthur: – Vamos, levante-se e deixe o homem se deitar.

Arthur pôs-se de pé, achando que tudo aquilo era um sonho.

Ford fez sinal para o Sr. Prosser, que se sentou na lama, triste e desajeitado. Tinha a impressão de que toda a sua vida era uma espécie de sonho, e às vezes se perguntava de quem era aquele sonho, e se o dono do sonho estaria se divertindo. A lama envolveu suas nádegas e penetrou em seus sapatos.

Ford olhou para ele, muito sério.

– Nada de bancar o espertinho e derrubar a casa do Sr. Dent enquanto ele não estiver aqui, certo?

– Nem pensar – rosnou o Sr. Prosser. – Jamais passou pela minha cabeça – prosseguiu, deitando-se – sequer a possibilidade de fazer tal coisa.

Viu o representante do sindicato dos operadores de tratores se aproximar, deixou a cabeça afundar na lama e fechou os olhos. Estava tentando encontrar argumentos para provar que ele próprio não passara a representar um fator de insalubridade mental. Estava longe de estar convencido disso – sua cabeça estava cheia de barulhos, cavalos, fumaça e cheiro de sangue. Isso sempre acontecia quando ele se sentia infeliz ou enganado, e jamais entendera por quê. Numa dimensão superior, da qual nada sabemos, o poderoso Khan urrava de ódio, mas o Sr. Prosser limitava-se a tremer um pouco e a resmungar. Começou a sentir que lhe brotavam lágrimas por trás das pálpebras. Quiproquós burocráticos, homens zangados deitados na lama, estranhos indecifráveis impondo-lhe humilhações inexplicáveis e um exército não identificado de cavaleiros rindo dele em sua mente – que dia!

Que dia! Ford Prefect sabia que não tinha a menor importância se a casa de Arthur fosse ou não derrubada, agora.

Arthur continuava muito preocupado.

– Mas será que a gente pode confiar nele? – perguntou.

– Eu, por mim, confiaria nele até o fim do mundo.

– Ah – disse Arthur. – E quanto falta pra isso?

– Cerca de doze minutos – disse Ford. – Vamos, preciso beber alguma coisa.

CAPÍTULO 2

Éis o que diz a Enciclopédia Galáctica a respeito do álcool: é um líquido volátil e incolor formado pela fermentação dos açúcares. Acrescenta ainda que o álcool tem o efeito de inebriar certas formas de vida baseadas em carbono.

O Guia do Mochileiro das Galáxias também menciona o álcool. Diz que o melhor drinque que existe é a Dinamite Pangaláctica.

Afirma que o efeito de beber uma Dinamite Pangaláctica é como ter seu cérebro esmagado por uma fatia de limão colocada em volta de uma grande barra de ouro.

O Guia do Mochileiro também lhe dirá quais os planetas em que se preparam as melhores Dinamites Pangalácticas, quanto irá custar uma dose e quais as ONGs existentes para ajudar você a se recuperar posteriormente.

O Guia do Mochileiro ensina até mesmo como preparar a bebida por conta própria. Éis o que diz o livro:

Pegue uma garrafa de Aguardente Janx.

Misture-a com uma dose de água dos mares de Santragino V – ah, essa água dos mares de Santragino!, diz. Ah, os peixes de Santragino!

Deixe que três cubos de Megagim Arturiano sejam dissolvidos na mistura (se não foi congelado da maneira correta, perde-se a benzina).

Deixe que quatro litros de gás dos pântanos de Fália borbulhem através da mistura em memória de todos aqueles mochileiros bem-aventurados que morreram de prazer nos pântanos de Fália.

Faça flutuar, no verso de uma colher de prata, uma dose de extrato de Hipermenta Qualactina, plena da fragrância inebriante das sombrias Zonas Qualactinas, sutil, doce e mística.

Acrescente um dente de tigre solar algoliano. Veja-o dissolver-se, espalhando os fogos dos sóis algolianos no âmago do drinque.

Jogue uma pitadinha de Zânfuor.

Acrescente uma azeitona.

Agora é só beber... mas... com muito cuidado...

O Guia do Mochileiro das Galáxias *vende bem mais que a Enciclopédia Galáctica.*

+++

– Seis chopes duplos – disse Ford Prefect ao barman do Horse and Groom. – E depressa, porque o fim do mundo está próximo.

O barman do Horse and Groom não merecia ser tratado desse jeito, era um senhor de respeito. Ajeitou os óculos e encarou Ford Prefect. Ford ignorou-o e virou-se para a janela, de modo que o barman encarou Arthur, que deu de ombros, como quem também não entendeu, e não disse nada.

Então, o barman disse:

– Ah, é? Um belo dia pro mundo acabar.

E começou a tirar os chopes.

Tentou outra vez.

– E então, o senhor vai assistir ao jogo hoje à tarde?

Ford virou-se para ele.

– Não, não tem sentido – disse, e virou-se para a janela novamente.

– Quer dizer que o senhor acha que nem adianta? – insistiu o barman. – O Arsenal não tem a menor chance?

– Não, não – disse Ford. – É só que o mundo vai acabar.

– Ah, é mesmo, o senhor já disse – respondeu o barman, olhando agora para Arthur por cima dos óculos. – Seria uma boa saída para o Arsenal, escapar da derrota por causa do fim do mundo.

Ford olhou de novo para o velho, realmente surpreso.

– Na verdade, não – disse, franzindo a testa.

O barman respirou fundo.

– Aí estão, seis chopos.

Arthur sorriu para ele, sem graça, e deu de ombros outra vez. Virou-se para trás e dirigiu um sorriso sem graça ao resto do bar, caso alguém mais tivesse ouvido a conversa.

Ninguém tinha ouvido nada, e ninguém entendeu por que Arthur estava sorrindo para eles daquele jeito.

Um homem sentado ao lado de Ford no balcão olhou para os dois, depois para os seis chopos, fez um rápido cálculo de cabeça, chegou a um resultado que lhe agradou e sorriu de forma boba e esperançosa para eles.

– Nem pensar – disse Ford –, são nossos. – Dirigiu ao homem um olhar que faria um tigre solar algoliano continuar a fazer o que estivesse fazendo.

Ford jogou uma nota de cinco libras no balcão, dizendo:

– Pode ficar com o troco.

– O que, cinco libras? Muito obrigado, meu senhor.

– Você tem dez minutos pra gastar isso.

O barman decidiu que era melhor ir fazer outra coisa.

– Ford – disse Arthur –, você pode por favor me explicar que história é essa?

– Beba – disse Ford. – Ainda faltam três chopos.

– Você quer que eu beba três canecos de chope na hora do almoço?

O homem do lado de Ford sorriu e concordou com a cabeça, satisfeito. Ford ignorou-o e disse:

– O tempo é uma ilusão. A hora do almoço é uma ilusão maior ainda.

– Muito profundo – disse Arthur. – Essa você devia mandar pra *Seleções*. Eles têm uma página pra gente como você.

– Beba.

– Por que três canecos de chope de repente?

– É um relaxante muscular, você vai precisar.

– Relaxante muscular?

– Relaxante muscular.

Arthur olhou para dentro do caneco.

– Será que eu fiz alguma coisa de errado hoje – disse ele – ou será que o mundo sempre foi assim, só que eu estava encucado demais pra perceber?

– Está bem – disse Ford. – Vou tentar explicar. Há quanto tempo a gente se conhece?

– Há quanto tempo? – Arthur pensou um pouco. – Deixe ver, uns cinco anos, talvez seis. A maior parte desse tempo pareceu fazer algum sentido na época.

– Está bem – disse Ford. – Qual seria a sua reação se eu lhe dissesse que não sou de Guildford e sim de um pequeno planeta perto de Betelgeuse?

Arthur deu de ombros, com indiferença.

– Sei lá – disse, bebendo um gole. – Por quê? Você acha que é capaz de dizer uma coisa dessas?

Ford desistiu. Realmente, não valia a pena se preocupar com aquilo naquele momento, com o fim do mundo tão próximo e tudo mais. Limitou-se a dizer:

– Beba. – E acrescentou, como quem dá uma informação como outra qualquer: – O fim do mundo está próximo.

Arthur sorriu sem graça para o resto do bar, outra vez. O resto do bar fez cara feia para ele. Um homem lhe fez sinal para que parasse de sorrir para eles e cuidasse de sua própria vida.

“Hoje deve ser quinta-feira”, pensou Arthur, debruçando-se sobre o chope. “Nunca consegui entender qual é a das quintas-feiras.”

CAPÍTULO 3

Nessa quinta-feira em particular, alguma coisa deslocava-se silenciosamente através da ionosfera, muitos quilômetros acima da superfície do planeta; aliás, muitas “algumas coisas”, dezenas de coisas achatadas, grandes e amarelas, cada uma do tamanho de um quarteirão de prédios, silenciosas como pássaros. Voavam serenas, banhando-se nos raios eletromagnéticos emitidos pela estrela Sol, sem pressa, agrupando-se, preparando-se.

O planeta lá embaixo ignorava sua presença quase completamente, o que era justamente o que elas queriam. Aquelas coisas amarelas passaram por Goonhilly despercebidas; sobrevoaram Cabo Canaveral sem que os radares acusassem nada; Woomera e Jodrell Bank ignoraram sua passagem – uma pena, já que era exatamente esse tipo de coisa que estavam procurando havia muitos anos.

A única coisa que acusou sua presença foi um aparelhinho preto chamado sensormático subeta, que ficou piscando discretamente na escuridão da mochila de couro que Ford Prefect sempre levava consigo. O conteúdo da mochila de Ford era bastante interessante: se algum físico terráqueo olhasse dentro dela, seus olhos saltariam para fora das órbitas. Era para esconder essas coisas que Ford sempre jogava por cima de tudo, na mochila, um ou dois roteiros amassados de peças de teatro, dizendo que estava estudando um papel para uma peça. Além do sensormático subeta e dos roteiros, Ford levava um polegar eletrônico – um bastão curto e grosso, preto, liso e fosco, com interruptores e ponteiros numa das extremidades – e um aparelho que parecia uma calculadora eletrônica das grandes. Este último possuía cerca de cem pequenos botões planos e uma tela quadrada de dez centímetros, na qual podia ser exibida instantaneamente qualquer uma dentre

um milhão de “páginas”. Parecia um aparelho absurdamente complicado, e esse era um dos motivos pelos quais a capa plástica do dispositivo trazia a frase NÃO ENTRE EM PÂNICO em letras grandes e amigáveis. O outro motivo era o fato de que esse aparelho era na verdade o mais extraordinário livro jamais publicado pelas grandes editoras da Ursa Menor – *O Guia do Mochileiro das Galáxias*. O livro era publicado sob a forma de um microcomponente eletrônico submésom porque, se fosse impresso de forma convencional, um mochileiro interestelar iria precisar de diversos prédios desconfortavelmente grandes para acomodar sua biblioteca.

No fundo da mochila de Ford Prefect havia algumas esferográficas, um bloco de anotações e uma toalha de banho grande, comprada na Marks and Spencer.

O Guia do Mochileiro das Galáxias faz algumas afirmações a respeito das toalhas.

Segundo ele, a toalha é um dos objetos mais úteis para um mochileiro interestelar. Em parte devido a seu valor prático: você pode usar a toalha como agasalho quando atravessar as frias luas de Beta de Jagla; pode deitar-se sobre ela nas reluzentes praias de areia mármorea de Santragino V, respirando os inebriantes vapores marítimos; você pode dormir debaixo dela sob as estrelas que brilham avermelhadas no mundo desértico de Kakrafoon; pode usá-la como vela para descer numa minijangada as águas lentas e pesadas do rio Moth; pode umedecê-la e utilizá-la para lutar em um combate corpo a corpo; enrolá-la em torno da cabeça para proteger-se de emanções tóxicas ou para evitar o olhar da Terrível Besta Voraz de Traal (um animal estonteantemente burro, que acha que, se você não pode vê-lo, ele também não pode ver você – estúpido feito uma anta, mas muito, muito voraz); você pode agitar a toalha em situações de emergência para pedir socorro; e, naturalmente, pode usá-la para enxugar-se com ela se ainda estiver razoavelmente limpa.

Porém, o mais importante é o imenso valor psicológico da toalha. Por algum motivo, quando um estrito (isto é, um não mochileiro) descobre que um mochileiro tem uma toalha, ele automaticamente conclui que ele tem também escova de dentes, esponja, sabonete, lata de biscoitos, garrafinha de aguardente, bússola, mapa, barbante, repelente, capa de chuva, traje espacial, etc., etc. Além disso, o estrito terá prazer em emprestar ao mochileiro qualquer um desses objetos, ou muitos outros, que o mochileiro por acaso tenha “acidentalmente perdido”. O que o estrito vai pensar é que, se um sujeito é capaz de rodar por toda a Galáxia, acampar, pedir carona, lutar contra terríveis obstáculos, dar a volta por cima e ainda assim saber onde está sua toalha, esse sujeito claramente merece respeito.

Daí a expressão que entrou na gíria dos mochileiros, exemplificada na seguinte frase: “Vem cá, você sancha esse cara dupal, o Ford Prefect? Taí um mingó que sabe onde guarda a toalha.” (Sancha: conhecer, estar ciente de, encontrar, ter relações sexuais com; dupal: cara muito incrível; mingó: cara realmente muito incrível.)

Bem enroladinho na toalha, dentro da mochila de Ford Prefect, o sensormático subeta começou a piscar mais depressa. Quilômetros acima da superfície do plane-

ta, as enormes algumas coisas amarelas começaram a se espalhar. No observatório de Jodrell Bank, alguém resolveu que era hora de tomar um chá.

– Você tem uma toalha aí? – perguntou Ford a Arthur de repente.

Arthur, lutando com seu terceiro caneco de chope, olhou ao redor.

– Uma toalha? Bem, não... Por que, era pra eu ter? – Arthur havia desistido de sentir-se surpreso; pelo visto, não adiantava nada.

Ford deu um muxoxo, irritado.

– Beba – insistiu.

Naquele momento, o ruído surdo de alguma coisa se espatifando, vindo da rua, misturou-se ao murmúrio de vozes dentro do bar, à música da jukebox e aos soluços do homem ao lado de Ford, para quem ele acabara pagando um uísque.

Arthur engasgou-se com a cerveja e pôs-se de pé num salto.

– O que foi isso? – gritou.

– Não se preocupe – disse Ford. – Eles ainda não começaram.

– Ainda bem – disse Arthur, relaxando.

– Deve ser só a sua casa sendo demolida – disse Ford, virando seu último chope.

– O quê? – berrou Arthur. De repente quebrou-se o encantamento que Ford lançara sobre ele. Arthur olhou ao redor, desesperado, e correu até a janela. – Meu Deus, é isso mesmo! Estão derrubando a minha casa. Que diabo eu estou fazendo aqui neste bar, Ford?

– A esta altura do campeonato, não tem muita importância – disse Ford. – Deixe que eles se divirtam.

– Isso lá é diversão? – gritou Arthur. – Diversão!

Ele olhou de novo pela janela e constatou que ambos estavam falando sobre a mesma coisa.

– Diversão, o cacete! – berrou Arthur, e saiu correndo do bar, furioso, brandindo uma caneca de chope quase vazia. Naquele dia, Arthur definitivamente não fez amigos no bar.

– Parem, seus vândalos! Destruidores de lares! – gritava Arthur. – Seus visigodos malucos, parem com isso!

Ford teria de ir atrás dele. Virou-se depressa para o barman e pediu-lhe quatro pacotes de amendoins.

– Tome aí – disse o barman, colocando os pacotes no balcão. – São 28 pence, por favor.

Ford foi generoso: deu ao homem mais uma nota de cinco libras e disse que ficasse com o troco. O barman olhou para a nota e depois para Ford. De repente estremeceu: teve momentaneamente uma sensação que não compreendeu, porque nenhum terráqueo jamais a experimentara antes. Em momentos de grande tensão, todas as formas de vida existentes emitem um pequeno sinal subliminar. Esse sinal simplesmente comunica uma noção exata e quase patética do quanto a criatura

em questão está longe de seu local de nascimento. Na Terra, nunca se pode estar a mais de 26 mil quilômetros do local de nascimento, uma distância não muito grande, na verdade, e portanto esses sinais são demasiadamente fracos para serem percebidos. Ford Prefect estava naquele momento sob grande tensão, e nascera a 600 anos-luz dali, perto de Betelgeuse.

O barman ficou desnorreado por um momento, atingido pela sensação chocante e incompreensível de distância. Ele não sabia o que significava aquilo, mas olhou para Ford Prefect com mais respeito, quase com reverência.

– O senhor está falando sério? – perguntou ele, sussurrando baixinho, o que teve o efeito de fazer com que todos se calassem no bar. – O senhor acha que o mundo vai mesmo acabar?

– Vai – disse Ford.

– Mas hoje?

Ford havia se recuperado. Sentia-se mais irreverente do que nunca.

– É – disse, alegre –, daqui a menos de dois minutos, na minha opinião.

O barman não conseguia acreditar na conversa que estava tendo, mas também não conseguia acreditar na sensação que acabara de experimentar.

– Podemos fazer algo a respeito?

– Não, nada – respondeu Ford, enfiando os amendoins no bolso.

Alguém de repente soltou uma gargalhada no bar silencioso, rindo da burrice de todos.

O homem ao lado de Ford já estava meio alto. Com esforço, focalizou os olhos em Ford.

– Eu pensava – disse ele – que quando o mundo acabasse todo mundo tinha que deitar no chão ou enfiar a cabeça num saco de papel, ou coisa parecida.

– Se você quiser, pode – disse Ford.

– Foi o que disseram pra gente no exército – disse o homem, e seus olhos começaram sua longa jornada de volta para o copo de uísque.

– Isso vai ajudar? – perguntou o barman.

– Não – disse Ford, com um sorriso simpático. – Com licença, tenho que ir embora. – Deu adeus e saiu.

O bar ainda permaneceu em silêncio por um instante, e depois o homem da gargalhada estrepitosa atacou de novo, deixando todos sem graça. A garota que ele arrastara até o bar meia hora antes já o detestava cordialmente a essa altura e provavelmente ficaria muito satisfeita se soubesse que, dentro de uns noventa segundos, ele iria evaporar em um sopro de hidrogênio, ozônio e monóxido de carbono. Porém, quando chegasse a hora, ela também estaria ocupada demais evaporando para se preocupar com isso.

O barman pigarreou. Quando se deu conta, estava dizendo o seguinte:

– Últimos pedidos, por favor.

+++

As enormes máquinas amarelas começaram a descer e a acelerar.

Ford sabia que elas estavam vindo. Não era assim que ele queria voltar para o seu planeta.

+++

Correndo pela alameda, Arthur já estava quase chegando em casa. Não percebeu como havia esfriado de repente, não percebeu o vento, não percebeu a chuva torrencial e irracional que começara a cair subitamente. Só viu os tratores passando por cima dos destroços do que fora sua casa.

– Seus bárbaros! – gritou. – Vou processar o conselho municipal e arrancar deles até o último centavo! Vocês vão ser enforcados, arrastados e esquartejados! E chicoteados! E cozidos em óleo fervente... até... até... até vocês não aguentarem mais.

Ford ainda estava correndo atrás dele, muito depressa. Muito, muito depressa.

– E depois tudo de novo! – gritou Arthur. – E quando terminar vou pegar todos os pedacinhos e pisar em cima deles!

Arthur não percebeu que os homens estavam correndo dos tratores, e também não percebeu que o Sr. Prosser olhava para o céu, desesperado. O que o Sr. Prosser havia percebido era que as coisas amarelas enormes estavam atravessando as nuvens, ruidosamente. Coisas amarelas impossivelmente enormes.

– E vou continuar pulando neles – gritou Arthur, ainda correndo – até eu ficar cheio de bolhas, ou até eu pensar numa coisa ainda mais desagradável pra fazer, aí...

Arthur tropeçou e caiu para a frente, rolou e terminou deitado de costas no chão. Finalmente percebeu que estava acontecendo alguma coisa. Apontou para o céu.

– Que diabo é isso? – gritou

Fosse o que fosse, a coisa atravessou o céu com toda a sua monstruosidade amarela, rasgou o céu com um estrondo estonteante e sumiu na distância, deixando atrás de si um vácuo que se fechou com um *bang* alto o suficiente para empurrar os ouvidos para dentro do cérebro.

Outra coisa amarela veio em seguida e fez exatamente a mesma coisa, só que ainda mais alto.

É difícil dizer exatamente o que as pessoas na superfície do planeta estavam fazendo agora, porque na verdade elas próprias não sabiam direito o que estavam fazendo. Nada fazia sentido – correr para dentro de casa, correr para fora de casa, gritar surdamente no meio da barulheira. Por todo o mundo, as ruas das cidades explodiam de gente, carros se enfiavam uns nos outros quando o barulho desabava sobre eles e depois se afastava, como um gigantesco maremoto sobre serras e vales, desertos e oceanos, parecendo achatar tudo aquilo que atingia.

Apenas um homem permanecia parado, olhando para o céu, com uma tristeza imensa nos olhos e protetores de borracha nos ouvidos. Ele sabia exatamente o

que estava acontecendo, e já o sabia desde que seu sensormático subeta começara a piscar no meio da noite ao lado de seu travesseiro, fazendo-o acordar assustado. Era por isso que ele vinha esperando esses anos todos, mas quando decifrou os sinais, sozinho em seu pequeno quarto escuro, sentiu um frio no coração. De todas as raças existentes na Galáxia que podiam vir fazer uma visitinha ao planeta Terra, pensou ele, por que tinham que ser justamente os vogons?

Fosse como fosse, ele sabia o que tinha de fazer. Quando a nave vogon sobrevoou o lugar onde ele estava, Ford abriu sua mochila. Jogou fora um exemplar de *José e a Extraordinária Túnica de Sonhos Tecnicolor* e um exemplar de *Godspell*: ele não ia precisar daquilo no lugar para onde ia. Tudo estava pronto, tudo estava preparado.

Ele sabia onde estava sua toalha.

Um silêncio súbito tomou conta da Terra, talvez pior ainda que o barulho. Por algum tempo, não aconteceu nada.

As grandes espaçonaves pairavam imóveis no céu, sobre todas as nações da Terra. Pairavam imóveis, imensas, pesadas, completamente paradas no céu, uma blasfêmia contra a natureza. Muitas pessoas entraram em estado de choque quando suas mentes tentaram entender o que estavam vendo. As naves pairavam imóveis no céu da mesma forma como os tijolos não o fazem.

E continuava não acontecendo nada.

Então ouviu-se um leve assobio, um súbito assobio espaçoso de fundo sonoro ao ar livre. Todos os aparelhos de som do mundo, todos os rádios, todas as televisões, todos os gravadores, todos os alto-falantes, de agudos, graves ou frequências médias, em todo o mundo, silenciosamente se ligaram.

Todas as latinhas, todas as latas de lixo, todas as janelas, todos os carros, todas as taças de vinho, todas as chapas de metal enferrujado, tudo foi ativado, funcionando como uma caixa de ressonância acusticamente perfeita.

Antes de ser destruída, a Terra assistiria a uma demonstração da perfeição absoluta em matéria de reprodução sonora, o maior sistema de som jamais construído. Mas não se ouviu um concerto, nenhuma música, nenhuma fanfarra, e sim uma simples mensagem.

– *Povo da Terra, atenção, por favor* – disse uma voz, e foi maravilhoso. Som quadrafônico perfeito, com níveis de distorção tão baixos que o mais corajoso dos homens não conseguiria conter uma lágrima.

– *Aqui fala Prostetnic Vogon Jeltz, do Conselho de Planejamento do Hiperespaço Galáctico* – prosseguiu a voz. – *Como todos vocês certamente já sabem, os planos para o desenvolvimento das regiões periféricas da Galáxia exigem a construção de uma via expressa hiperespacial que passa pelo seu sistema estelar e infelizmente o seu planeta é um dos que terão de ser demolidos. O processo levará pouco menos de dois minutos terrestres. Obrigado.*

O sistema de som voltou ao silêncio.

Um terror cego se apoderou de toda a população da Terra. O terror transmitia-se lentamente através das multidões, como se fossem limalhas de ferro sobre uma chapa de madeira e houvesse um ímã deslocando-se embaixo da madeira. Instaurou-se novamente o pânico, uma vontade desesperada de fugir, só que não havia para onde.

Observando o que estava acontecendo, os vogons ligaram o sistema de som outra vez. Disse a voz:

– *Esta surpresa é injustificável. Todos os planos do projeto, bem como a ordem de demolição, estão em exposição no seu Departamento local de Planejamento, em Alfa do Centauro, há cinquenta dos seus anos terrestres, e portanto todos vocês tiveram muito tempo para apresentar qualquer reclamação formal, e agora é tarde demais para criar caso.*

O sistema de som foi desligado novamente e seu eco foi morrendo por todo o planeta. As naves imensas começaram a se virar lentamente no céu, com facilidade. Na parte de baixo de cada nave abriu-se uma escotilha, um quadrado negro vazio.

A esta altura, alguém tinha conseguido ligar um transmissor de rádio, localizar uma frequência e enviar uma mensagem às naves vogons, falando em nome do planeta. Ninguém jamais ouviu o que foi dito, apenas a resposta. O imenso sistema de som voltou a transmitir. A voz estava irritada:

– *Como assim, nunca estiveram em Alfa do Centauro? Ora bolas, humanidade, fica só a quatro anos-luz daqui! Desculpem, mas, se vocês não se dão o trabalho de se interessar pelas questões locais, o problema é de vocês.* – Após uma pausa, disse: – *Energizar os raios demolidores.*

Das escotilhas saíram fachos de luz.

– *Diabo de planeta apático* – disse a voz. – *Não dá nem pra ter pena.* – E o sistema de som foi desligado.

Houve um silêncio terrível.

Houve um ruído terrível.

Houve um silêncio terrível.

A Frota de Construção Vagon desapareceu no negro espaço estrelado.

CAPÍTULO 4

Longe dali, no braço oposto da Galáxia, a uma distância de 500 mil anos-luz da estrela Sol, Zaphod Beeblebrox, presidente do Governo Imperial Galáctico, navegava pelos mares de Damogran. Seu barco delta com drive iônico brilhava à luz do sol de Damogran.

Damogran, o quente; Damogran, o remoto; Damogran, o quase completamente desconhecido para todos.

Damogran, morada secreta da nave Coração de Ouro.

O barco deslizava rapidamente sobre a água. Ainda levaria algum tempo para chegar a seu destino, porque a geografia de Damogran não é nada prática. Consiste apenas em algumas ilhas desertas de tamanho médio a grande, separadas por oceanos de rara beleza, mas de uma vastidão chatíssima.

O barco seguia em frente.

Devido a sua incômoda geografia, Damogran sempre foi um planeta deserto. Foi por isso que o Governo Imperial Galáctico escolheu Damogran para o projeto Coração de Ouro, porque o planeta era muito deserto e o projeto Coração de Ouro era muito secreto.

O barco deslizava rápido pela superfície do mar, o mar que separava as principais ilhas do único arquipélago de tamanho aproveitável em todo o planeta. Zaphod Beeblebrox vinha do pequeno cosmoporto da ilha da Páscoa (o nome era uma coincidência sem nenhum significado – em galactês, *páscoa* quer dizer pequeno, plano e castanho-claro) para a ilha do projeto Coração de Ouro, cujo nome era França, em mais uma coincidência sem nenhum significado.

Um dos efeitos colaterais do projeto Coração de Ouro era uma série de coincidências sem significado.

Mas não era por coincidência que aquele dia, o dia da coroação do projeto, o grande dia do lançamento, o dia em que a nave Coração de Ouro seria finalmente revelada a uma Galáxia maravilhada, era também um dia muito especial para Zaphod Beeblebrox. Foi pensando nesse dia que ele havia decidido concorrer à Presidência, uma decisão que causou grande surpresa em toda a Galáxia Imperial – Zaphod Beeblebrox? Presidente? Não *aquele* Zaphod Beeblebrox? Ele, *presidente*?* Muitos encararam o fato como prova de que todo o universo havia afinal pirado completamente.

Zaphod sorriu e aumentou a velocidade do barco.

* Presidente: o nome oficial do cargo é presidente do Governo Imperial Galáctico.

O termo *Imperial* é mantido embora seja atualmente um anacronismo. O imperador hereditário está quase morto, há muitos séculos. Nos últimos instantes de seu coma, ele foi colocado num campo de estase, que o mantém num estado de imutabilidade perpétua. Todos os seus herdeiros já morreram há muito tempo, o que significa que, sem ter havido nenhuma grande convulsão política, o centro do poder foi deslocado de forma simples e eficaz para escalões inferiores, sendo agora aparentemente atribuição de um órgão cujos membros antes atuavam como simples conselheiros do imperador – uma assembleia governamental eleita, chefiada por um presidente eleito por ela. Na verdade, não é aí que está o poder, em absoluto.

O presidente, em particular, é simplesmente uma figura pública: não detém nenhum poder. Ele é aparentemente escolhido pelo governo, mas as qualidades que ele deve exibir nada têm a ver com liderança. Ele deve é possuir um sutil talento para provocar indignação. Por esse motivo, o presidente é sempre uma figura polêmica, sempre uma personalidade irritante, porém fascinante ao mesmo tempo. Não cabe a ele exercer o poder, e sim desviar a atenção do poder. Com base nesses critérios, Zaphod Beeblebrox é um dos melhores presidentes que a Galáxia já teve – pois já passou dois dos dez anos de seu mandato na cadeia, condenado por fraude. Pouquíssimas pessoas sabem que o presidente e o governo praticamente não têm nenhum poder, e, dessas pouquíssimas pessoas, apenas seis sabem onde é, de fato, exercido o verdadeiro poder político. A maioria das outras está convencida de que, em última instância, o poder é exercido por um computador. Elas não poderiam estar mais erradas.

Zaphod Beeblebrox, aventureiro, ex-hippie, bon vivant (trambiqueiro?, possivelmente), maníaco por autopromoção, péssimo em relacionamentos pessoais, frequentemente considerado um doido varrido.

Presidente?

Mas o universo não havia enlouquecido, pelo menos não em relação a isso.

Apenas seis pessoas em toda a Galáxia conheciam o princípio no qual se baseava o governo galáctico, e sabiam que, uma vez proclamada a intenção de Zaphod Beeblebrox de concorrer à Presidência, a coisa estava mais ou menos resolvida: ele tinha tudo para ser presidente.

O que elas realmente não entendiam era por que Zaphod resolvera se candidatar.

Zaphod deu uma guinada súbita com o barco, levantando um lençol d'água.

O dia havia chegado; o dia em que todos entenderiam quais haviam sido as intenções de Zaphod. Aquele dia era a razão de ser da presidência de Zaphod Beeblebrox. Era também o dia em que ele completava 200 anos de idade, mas isto era apenas mais uma coincidência sem qualquer significado.

Enquanto seu barco atravessava os mares de Damogran, ele sorria de leve, pensando no dia maravilhoso e divertido que tinha pela frente. Relaxou os músculos e descansou os dois braços preguiçosamente no encosto, e ficou dirigindo o barco com um braço adicional que ele instalara recentemente embaixo de seu braço direito, para melhorar seu desempenho no esqui-boxe.

– Sabe – cantarolou ele para si próprio –, você é realmente um cara incrível.

Mas seus nervos cantavam uma canção mais estridente do que um apito para chamar cachorro.

A ilha da França tinha cerca de 30 quilômetros de comprimento por 9 de largura; era arenosa e em forma de crescente. Na verdade, dava a impressão de ser menos uma ilha propriamente dita do que uma simples maneira de definir o formato e a curvatura de uma grande baía. A impressão era ressaltada pelo fato de que a costa interior do crescente consistia apenas em penhascos íngremes. Do alto dos penhascos, o terreno seguia um declive gradual até a costa oposta, 9 quilômetros adiante.

No alto dos penhascos havia um comitê de recepção.

Era constituído basicamente de engenheiros e pesquisadores que haviam construído a nave Coração de Ouro – humanoides em sua maioria, mas havia um ou outro atomeiro reptiloide, dois ou três maximegalacticianos verdes silfoides, um ou dois fissucturalistas octópodes e um Huluvu (o Huluvu é uma tonalidade de azul superinteligente). Todos, com exceção do Huluvu, trajavam jalecos de laboratório de gala, multicoloridos e resplandecentes; o Huluvu fora temporariamente refratado num prisma capaz de ficar em pé, especialmente para a ocasião.

Havia um clima de enorme empolgação entre eles. Trabalhando em equipe, haviam atingido e ultrapassado os últimos limites das leis da física, reestruturado a configuração fundamental da matéria, forçado, torcido e partido as leis das possibilidades e impossibilidades, mas apesar disso o que mais os entusiasmava era a oportunidade de conhecer um homem com uma faixa alaranjada em volta do pescoço (o distintivo tradicional do presidente da Galáxia). Talvez até não fizesse muita diferença se eles soubessem exatamente quanto poder exercia o presidente da Galáxia: absolutamente nenhum. Apenas seis pessoas na Galáxia sabiam que a função do presidente não era exercer poder, e sim desviar a atenção do poder.

Zaphod Beeblebrox era surpreendentemente bom no seu trabalho.

A multidão exultava, deslumbrada pelo sol e pela perícia do presidente, que fazia o barco contornar o promontório e entrar na baía. O barco brilhava ao sol, ao deslizar pela superfície em curvas abertas.

Na verdade, o barco não precisava encostar na água, já que ele se apoiava numa camada de átomos ionizados, mas para fazer efeito ele vinha equipado com umas quilhas finas que podiam ser baixadas para dentro d'água. Elas levantavam lençóis d'água no ar e rasgavam sulcos profundos no mar, que espumava na esteira do barco.

Zaphod adorava fazer efeitos: era sua especialidade.

Virou a roda do leme subitamente. A embarcação descreveu uma curva fechada bem rente ao penhasco e parou, balançando ao sabor das ondas suaves.

Segundos depois, Zaphod já estava no tombadilho, acenando e sorrindo para mais de três bilhões de pessoas. Os três bilhões de pessoas não estavam fisicamente presentes, porém assistiam a tudo através dos olhos de uma pequena câmera-robô tridimensional, que pairava no ar ali perto, subserviente. As proezas do presidente faziam muito sucesso junto ao público: era para isso que elas serviam mesmo.

Zaphod sorriu outra vez. Três bilhões e seis pessoas não sabiam, mas a proeza daquele dia seria mais incrível do que qualquer coisa que elas esperassem.

A câmera-robô aproximou-se para fazer um close da cabeça mais popular (ele tinha duas) do presidente, e ele acenou outra vez. Sua aparência era mais ou menos humanoide, afora a segunda cabeça e o terceiro braço. Seus cabelos claros e despenteados apontavam para todas as direções, seus olhos azuis brilhavam com um sentido absolutamente incompreensível e seus queixos estavam quase sempre com a barba por fazer.

Um globo transparente de sete metros de altura flutuava ao lado de seu barco, balançando as ondas, brilhando ao sol. Dentro dele flutuava um amplo sofá semi-circular, estofado com um esplêndido couro vermelho.

Quanto mais o globo balançava, mais o sofá permanecia completamente imóvel, como se fosse um rochedo transformado em sofá. Mais uma vez, o objetivo principal daquilo era fazer efeito.

Zaphod atravessou a parede do globo e refestelou-se no sofá. Pôs dois braços sobre o encosto do sofá, e com o terceiro espanou um pouco de poeira que tinha no joelho. Suas cabeças olharam ao redor, sorridentes; pôs os pés sobre o sofá. “Se não conseguisse se conter, ia começar a gritar”, pensou ele.

Debaixo da bolha a água fervia, subia, esguichava. A bolha elevava-se no ar, balançando-se na coluna de água. Subia mais e mais, refletindo raios de sol em direção ao penhasco. Subia impulsionada pela água que esguichava debaixo dela e caía de volta na superfície do mar, dezenas e dezenas de metros abaixo.

Zaphod sorriu, imaginando o efeito visual.

Um meio de transporte absolutamente ridículo, porém belíssimo.

No alto do penhasco o globo parou por um instante, pousou numa rampa gradeada, rolou até uma pequena plataforma côncava e lá parou, por fim.

Aplaudido entusiasmado, Zaphod Beeblebrox saiu da bolha. Sua faixa alaranjada brilhava ao sol.

O presidente da Galáxia havia chegado.

Esperou que os aplausos morressem e levantou a mão, saudando a multidão.

– Oi – disse.

Uma aranha do governo chegou-se até ele e tentou lhe entregar uma cópia de seu discurso previamente preparado. As páginas 3 a 7 da versão original estavam naquele momento flutuando no mar de Damogran, a uns 10 quilômetros da baía. As páginas 1 e 2 haviam sido encontradas por uma águia-de-crista-frondosa de Damogran e já haviam sido incorporadas a um novo e extraordinário tipo de ninho que a águia inventara. Era construído basicamente de papel machê, e era praticamente impossível para um filhote de águia recém-saído do ovo escapar de dentro dele. A águia-de-crista-frondosa de Damogran ouvira vagamente falar de luta pela sobrevivência da espécie, mas não queria nem saber dessa história.

Zaphod Beeblebrox não ia precisar de seu discurso preparado e delicadamente recusou a cópia oferecida pela aranha.

– Oi – repetiu.

Todo mundo sorriu para ele, ou pelo menos quase todo mundo. Viu Trillian no meio da multidão. Era uma garota que Zaphod conhecera recentemente ao visitar um planeta, incógnito, como turista. Era esguia, morena, humanoide, com longos cabelos negros e ondulados, uma boca carnuda, um narizinho estranho e saliente e olhos ridiculamente castanhos. Seu lenço de cabelo vermelho, amarrado de modo diferente, e seu vestido longo e leve de seda marrom lhe davam uma aparência vagamente árabe. Não que alguém ali tivesse ouvido falar nos árabes, claro. Os árabes haviam deixado de existir muito recentemente, e mesmo no tempo em que eles existiam estavam a 500 mil anos-luz de Damogran. Trillian não era ninguém em particular, ou pelo menos era isso que Zaphod dizia. Ela simplesmente andava muito com ele e lhe dizia o que pensava a seu respeito.

– Oi, meu bem – disse para ela.

Ela lhe dirigiu um sorriso rápido e tenso e desviou o olhar. Então olhou novamente para ele por um momento e sorriu de forma mais calorosa – mas agora ele já estava olhando para outro lado.

– Oi – disse para um pequeno grupo de criaturas da imprensa, que estava a pouca distância dali, ansioso para que parasse de dizer “oi” e começasse logo a dizer coisas que eles pudessem publicar.

Zaphod sorriu, pensando que dentro de alguns instantes ia dar a eles coisas muito interessantes, mas muito interessantes mesmo, para publicar.

Porém o que ele disse em seguida não interessou muito às criaturas da imprensa. Um dos funcionários do partido concluíra, irritado, que o presidente obviamente não estava a fim de ler o discurso fascinante que havia sido preparado para ele, e acionara um interruptor no controle remoto que tinha no bolso. Ao longe, uma enorme cúpula branca que se destacava contra o céu rachou ao meio, abriu-se e foi lentamente dobrando-se sobre o chão. Todos ficaram boquiabertos, embora soubessem perfeitamente que aquilo ia acontecer, já que eles próprios haviam construído a cúpula.

Embaixo dela havia uma imensa espaçonave, de 150 metros de comprimento, esguia como um tênis de corrida, perfeitamente branca e estonteantemente bonita. Bem no centro dela, invisível para quem olhava de fora, havia uma pequena caixa de ouro que continha o aparelho mais alucinante jamais concebido em toda a Galáxia, o qual deu o nome à nave – o Coração de Ouro.

– Uau! – disse Zaphod Beeblebrox ao ver a nave Coração de Ouro. Também, não tinha outra coisa a dizer.

E repetiu, porque sabia que isso ia irritar a imprensa:

– Uau!

Toda a multidão virou-se para ele, cheia de expectativa. Zaphod piscou o olho para Trillian, que alçou as sobrancelhas e arregalou os olhos para ele. Ela sabia o que ele ia dizer agora, e achava-o muito exibido.

– É realmente incrível – disse Zaphod. – É realmente incrivelmente incrível. É tão incrivelmente incrível que acho que estou com vontade de roubá-la.

Uma maravilhosa frase presidencial, absolutamente apropriada. A multidão riu, satisfeita, os jornalistas apertaram os botões de suas repormáticas subeta e o presidente sorriu.

Enquanto sorria, seu coração batia desesperadamente e seus dedos tateavam a pequena bomba paralisomática que trazia no bolso.

De repente, não aguentou mais. Virou ambos os rostos para o céu, soltou um tremendo grito, formando um acorde de terça maior, jogou a bomba no chão e saiu correndo por entre aqueles rostos sorridentes imobilizados.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br